

REPRESENTAÇÃO ETNOGRÁFICA EM LAVRA DE RUY DUARTE DE CARVALHO

Data de aceite: 01/12/2020

Data de submissão 15/10/2020

Hilarino Carlos Rodrigues da Luz

CHAM, Departamento de Estudos Portugueses
FCSH, Universidade NOVA de Lisboa
<https://orcid.org/0000-0001-5694-5781>
CIÊNCIA ID: 2115-197A-7975

RESUMO: A delineação etnográfica assenta o seu olhar num contexto e numa história. Situa-se, portanto, no espaço e no tempo e tenta entender o outro. A descrição é direta nas suas palavras e é mediatizada por todos os meios de acesso possível, nomeadamente através da cartografia, fotografia e do diário de campo, dada a sua replicabilidade. Desse modo, a descrição etnográfica faz da sua especificidade a conexão existente entre o estudo da cultura e da escrita. Trata-se, pois, de uma escrita que faz depender a narração pessoal da descrição, sendo que essa narração não deixa de estar presente como uma verdadeira introdução ao que se segue na descrição etnográfica. Neste sentido, procuro com este artigo apresentar uma abordagem da representação etnográfica na obra *Lavra* (2005) de Ruy Duarte de Carvalho (1941-2010), um autor que nasceu em Portugal, e, adquiriu a nacionalidade angolana. Refira-se que o título *Lavra*, além de significar a lavoura de algodão, também tem o significado de “ser da fabricação, da execução” e da criação de poema de Ruy

Duarte de Carvalho, de 1970 a 2000.

PALAVRAS-CHAVE: Angola, Ruy Duarte de Carvalho, etnografia, viagem.

ETHNOGRAPHIC REPRESENTATION IN RUY DUARTE DE CARVALHO'S *LAVRA*

ABSTRACT: Ethnographic delineation sets its sight on a context and on a story. Therefore, it's based in space and time and it tries to understand another. The description is direct in its words and it is mediated by every mean of possible access, namely through cartography, photography, and field diary, given its replicability. In this way, the connection between the study of culture and writing is the specificity of ethnographic description. Hence, it is a writing style that makes personal narration dependent of description; this narration is nevertheless present as a true introduction to what follows in ethnographic description. In this sense, with this article I aim to present an approach to ethnographic representation in the work *Lavra* (2005) by Ruy Duarte de Carvalho (1941-2010), a Portuguese-born author that acquired Angolan nationality. It should be noted that the title *Lavra*, which translates to cotton farming, also means “related to manufacture, operation” and is related with Ruy Duarte de Carvalho's poems from 1970 to 2000.

KEYWORDS: Angola, Ruy Duarte de Carvalho, ethnography, travel.

Pretendemos, com este capítulo, apresentar uma breve abordagem da representação etnográfica na obra *Lavra*

¹ Este capítulo resulta de uma publicação, com o mesmo título, feita no livro de atas do *I Encontro Internacional de Língua Portuguesa (LUSOCONF 2018)*, organizada pelo Instituto Politécnico de Bragança (IPB), em 2018.

(2005), de Ruy Duarte de Carvalho (Lisboa, 1941 – Angola, 2010). A expressão representação etnográfica equivale a uma fase de apresentação do resultado do trabalho de campo obtido e da comparação entre informações recolhidas e estratégias discursivas. Deste modo, diríamos que o movimento do escritor ultrapassa o campo da conceituação concretizada e o seu trabalho com a linguagem que se dá com o seu olhar subjetivo cobre os factos e os acontecimentos de uma determinada época.

Neste contexto, quem conta uma história, parte tanto da experiência que tem dela quanto do conhecimento que passou a ter com a observação e participação dessa mesma história, uma vez que o trabalho de campo é visto como sendo a principal característica da antropologia, em que os antropólogos observam as comunidades que estudam, com o propósito de fazer a recolha etnográfica. Há, portanto, uma preocupação em filtrar, através do seu olhar, algumas experiências para as poder partilhar com os outros. É neste contexto que Ruy Duarte de Carvalho apresenta alguns exemplos de escritas empenhados na observação e na descrição de sistemas culturais do sudoeste de Angola, como consequência de algumas experiências que teve com os Kuvale/Mucubais, um povo transumante que vivia nessa região do país, como se pode certificar na seguinte transcrição do texto “Produção histórica de identidades coletivas diferenciadas no sudoeste litoral de Angola: a insularização Kuvale e a integração Kimbar”:

Os resultados do estudo que, desde 1992, venho aplicando ao sudoeste angolano, têm procurado dar notícia de um pequeno grupo de pastores geográfica e socialmente envolvidos por uma situação histórica e política que os constitui como sujeitos culturalmente muito diferenciáveis dentro da própria especificidade angolana do presente. Tal especificidade, tanto económica como social e cultural remete-os sem equívoco à escrita categoria de “etnia” *of* de sub-etnia, numa altura em que as etnias cedem lugar às “raízes” étnicas ou *eticistas*. (Carvalho, 2008:129).

Sónia Miceli ao fazer referência a palestra “Literatura e antropologia: possíveis interferências”, proferida por Ruy Duarte de Carvalho, na Universidade de São Paulo, em junho de 2004, defende que o autor:

Enunciava alguns dos possíveis cruzamentos entre os campos da escrita literária e da escrita e pesquisa etnográficas, identificando três movimentos: o da convergência de literatura e antropologia em momentos específico, como por exemplo, a que se deu no surrealismo; o que vai da literatura para a antropologia, particularmente visível na época da chamada antropologia pós-moderna; e o movimento inverso, ou seja, aquele que vai da antropologia para a literatura. Este último é essencial para entender a formação das literaturas surgidas em contextos coloniais, como por exemplo a angolana, porquanto a literatura de viagem desempenhou um papel fundamental numa fase inicial dessas literaturas, da mesma forma que a posterior apropriação,

por parte dos escritores locais, do conhecimento etnográfico – e, mais ainda, a própria concepção da literatura enquanto etnografia no seu sentido literal, ou seja, enquanto descrição dos povos que constituíam as jovens nações independentes – possibilitou a formação de literaturas comprometidas com a construção da nação. (Miceli, 2016:26).

Ana Maria Martinho Gale, numa abordagem sobre a etnografia como uma forma de abordagem nas literaturas africanas de língua portuguesa, refere que a escrita produzida por escritores e missionários da época colonial e depois das independências foi inspirada em registos etnográficos. (Miceli, 2016). Ruy Duarte de Carvalho, numa das suas experiências coloniais, testemunhou um massacre que presenciou em Angola, facto que ocorreu, em 1961, quando tinha apenas 19 anos, altura em que se encontrava a trabalhar nas matas de Uíge. (Carvalho, 2011).

Assumi que sobreviveu a tempo de se recompor dessa perplexidade que teve a infelicidade de presenciar. Refira-se que o autor foi viver, com a sua família, no sul de Angola na década de cinquenta, uma oportunidade que lhe permitiu conviver com um contexto diferente do de Portugal, tendo-se, por exemplo, trabalhado em vários locais do país, o que o fez aludir o seguinte, na parte “5 – Paisagens & fronteiras” do texto “Falas & vozes, fronteiras & paisagens...escritas, literaturas e entendimentos”:

Quiseram as determinações do destino que a minha língua materna seja a língua portuguesa... e que ela tenha vindo a ser o principal terreno e instrumento do labor existencial e social [...] que fizeram de mim um sujeito [...] fora da geografia humana e física que me viu nascer ... quer isto dizer que todo o meu investimento pessoal, literário e cívico, se viu aplicado a um habitado [...], por seres humanos a quem, na sua maioria, couberam outras línguas maternas [...]. (Carvalho, 2008:20).

O autor faz uma descrição direta com palavras mediatizadas por todos os meios de acesso possível, sobretudo por intermédio da cartografia, fotografia e do diário de campo. A descrição etnográfica faz da sua especificidade a conexão existente entre o estudo da cultura e da escrita. Trata-se, portanto, de uma abordagem que faz depender a narração pessoal da descrição, sendo que essa narração não deixa de estar presente como uma verdadeira introdução ao que se segue nessa descrição. Portanto, o autor, com uma poética iniciada em 1970, ampliou e divulgou esses textos, numa modalidade empreendida por muitos autores que principiaram a sua escrita antes da independência, conforme defende Ana Maria Martinho Gale:

As the independence, all this archive was immediately recovered and transformed and the texts written before soon became published and extensively disseminated. The revolutionary practice influenced very strongly the rehabilitation of cultural observation. Much of it was again

inspired in the former ethnographers. However, the modernization of fieldwork encountered new methodologies through writers like Duarte de Carvalho who of recollection that would restore Angolan Ethnography (Gale, 2011: 54).

Tendo os pastores Kuvale/Mucubais na base da sua produção literária, o autor, em estudo, nasceu para a literatura com o livro *Chão de Oferta* (1970-72), seguindo-se *A Decisão de Idade* (1972-74). Dois anos mais tarde publicou *Exercícios de Crueldade* (1975-78), e, um ano depois *Sinais Misteriosos... Já Se Vê...* (1977-79). Também escreveu o livro *Lavra Alheia I (Ondula Savana Branca...)* (1977-80), uma obra onde empreendeu “um exercício pioneiro de apropriação/tradução da grande lírica oral, quase que traduzindo em palavras o movimento ritualístico de línguas africanas” (Nascimento, 2010:14). Na sua nota introdutória, o autor dá-nos a conhecer as três partes que a compõem: versões, derivações e reconversões. Essa composição resulta do tratamento que deu a algumas expressões orais da cultura africana.

Refira-se que as tradições orais nas sociedades tradicionais africanas comprovam que os sustentáculos da cultura estão baseados nos valores e nas crenças difundidas pela tradição que acautelam as contraversões morais e o desrespeito ao legado ancestral da cultura. Para este assunto, Ruy Duarte de Carvalho observa que:

Este livro, dividido, em três partes – versões, derivações, reconversões –, resulta do tratamento dado a vários testemunhos da expressão oral africana. [...]. O meu objetivo, ao reunir em volume parte do resultado da atenção e do labor que tenho dispensado à expressão oral, corresponde à retenção da hipótese de poder trabalhar ou reconverter para poesia alguns materiais de origem africana [...]. Ao capítulo versões corresponderá a modalidade 1. Trabalhei aí, de facto, peças formalmente estabelecidas já com poesia em língua francesa ou inglesa. A modalidade 2 foi a que utilizei no tratamento do kwanyama do capítulo derivações, aproveitando traduções literais de cantos e imprecações que, conforme os casos refundi, aglutinei ou reordenei [...]. (Carvalho, 2005:155).

Quanto à expressão “oral” que o autor referencia no primeiro parágrafo desta passagem, convém referir que Angola, assim como os outros países africanos, é marcado por um imaginário que tem a tradição oral como um ponto fundamental da sua história, dada a importância que ela assume na cultura africana. Neste sentido, Ruy Duarte de Carvalho traduz para a escrita “alguns materiais orais” africanos com o propósito de dar a conhecer o seu trabalho de antropólogo e de assegurar a reconstrução e a perpetuação da memória africana.

Para o efeito, publicou outros poemários, como *Hábito da Terra* (1979-86); *Lavra Paralela* (1983-86); *Ordem de Esquecimento* (1987-94); *Da Lavra Alheia*

II (Observação Direta) (1999-2000) e *Diário* (1993-98). Ambos os livros estão reunidos na coletânea *Lavra. Poesia Reunida* (2005). O supracitado autor explica que os procedimentos adotados para a sua organização, como se pode certificar na seguinte transcrição:

.....como não nasci ensinado e vivi muito, nem tudo, hoje, é evidente, nem me merece aqui o mesmo apreço a certas peças conservei-as só por respeito à devoção e ao gosto de alguns leitores antigos e porque por essa via talvez tenham, quem sabe, chegado a fazer parte de um certo tempo muito localizado mas que foi o nosso a outras dei pequenas voltas para as tornar mais as mesmas, inclusive a alguns inéditos, poucos, de que nunca consegui livrar-me a esses, juntos com avulsos publicados fora dos livros originais, agrupei-os numa adenda acho que de 98 para cá, talvez, passei a creditar a outras vazões de escrita os fluxos poéticos que se me foram atravessando (Carvalho 2005:9).

Além da poesia, a sua produção literária é constituída por obras, como *Vou Lá Visitar Pastores* (1999); *Papéis do Inglês* (2000); *Como se o Mundo não Tivesse Leste* (1977) e (2003). Também publicou o livro *Atas da Maianga (dizer da(s) Guerra (s) em Angola (?); As Paisagens Propícias* (2005a); e *Desmedidas* (2006). Na categoria ensaio, publicou *O Camarada e a Câmara* (1980); *Ana a Manda, Os Filhos da Rede* (1989) e *Aviso à Navegação* (1997); *Os Kuvale na História, nas Guerras e Crises* (2002). Algumas intervenções orais – cerca de cinquenta – foram reunidas em *A Câmara, a Escrita e Coisa Dita...* (2008). Também publicou a obra *Desmedida – Luanda, S. Paulo, S. Francisco e Volta* (2006).

No que se refere a sua poesia, Ana Mafalda Leite fala-nos de um experimentalismo, de errância “técnico-compositiva, de improvisação de novas formas e, ao mesmo tempo, inserida nesta aparente e muito rigorosa divagação, a permanência obsessiva de algumas procuras temáticas, a insistência em retomar livros anteriores partes de versos, frases, palavras, como que em busca de sentido” (Leite, 1998:133). Nessa linha de pensamento, a mesma autora parte do que foi escrito para “regressar à luz da página como citação, memória esquecida, que apenas a reinscrição ativasse” (Leite, 1998:133). Encontramos, portanto, uma constante interrogação em simultaneidade com a criação da sua poesia, num processo de “autocriação”. Nesta ótica, a supramencionada Ana Mafalda Leite defende ainda que:

O percurso textual parece criar [...] as suas formas específicas de desenvolvimento do ser criador, ao investir o sujeito criado, que se (de) nuncia, na atividade de construção poética. Deste modo, a consciência que se entrelê no fazer do poema é também uma demanda a forma dos sentidos. Indo um pouco mais longe, observa-se que a noção de sujeito e de poema, em processo de gestação e de reformulação, se articula com a noção espaço, mais propriamente, “noção geográfica”,

título de poema e verso que aparece com frequência nos textos do autor angolano” (Leite, 1998:133).

Veja-se, por exemplo, o texto “Noção Geográfica – *poema para cinco vozes e coros*”, um texto que apresenta como parte inicial uma “Preposição” com uma notação de “voz off”. Trata-se de uma “preposição” que coordena a visão do poeta com a sua expedição literária que faz ao longo do texto, procurando, além de uma notação etnográfica, referenciar alguns aspetos sociológicos e geográficos de Angola. O tempo, numa fase inicial, assume uma posição de fronteira entre “a fartura” e a “surda seca”, uma colocação que propende avocar a queda da chuva e a maturidade de “frutos”. Veja-se a seguinte transcrição do texto: “Um tempo tanto importa / de fartura quanto de surda seca se devolvido à noite / um nome dado aos corpos para demandar a chuva / Uma palavra que aboreshça as mãos / e amadureça os frutos” (Carvalho, 2005:66).

A sua percepção em “off” fê-lo exsudar o odor de um gérmen a prosperar nas areias. Entendeu partir em busca da “fogueira”, um “halo” que está na base da vida porque pode, por exemplo, ser usada na preparação da “farinha crua”, alimento usado em Angola. Imaginou agitar e materializar esse pensamento “em céu aberto”, através de uma confusão que provocaria entre o calor do seu corpo e o do “braseiro”. Há uma recuperação da memória africana na medida em que referencia a indagação do fogo vital, visto que está na base das conceções de permuta e de correlação entre os homens: “Das longas noites me transpira o / cheiro de uma semente a progredir-se inchada vertida / na escorrência das arreia / [...] / (Carvalho, 2005:66).

Essa posição do poeta, notação de um homem simples, remete-nos para a ideia de um protagonista que nos aduz para uma viagem iniciática que se principiou com a procura do fogo sagrado, um conceito que, segundo Gaston Bachelard “sugere o desejo de mudar, de apressar o tempo, de levar a vida a seu termo, a seu além” (Bachelard, 1999:25). Tratando-se de um texto “teatral”, integra referências às vozes solo, o uso da canção e das falas de personagens-símbolo, como a mulher, o feiticeiro, o herói e o rei, emblemáticas de uma vertente coreográfica na escrita de Ruy Duarte de Carvalho. Representa uma abordagem temática alargada e compositiva com uma construção poética fundamentada em aspetos espetaculares, cénicos, musicais “e dramáticos que melhor se adequam aos sentidos culturais/orais em que o texto da geografia africana se ritma”. (Leite, 1998:135).

Essa asserção teatral reside na própria estruturação do texto (Cf. pp. 67-101), que inclui, além da já referida “Proposição – voz “off” (Cf. 66-68), alguns atos como “Primeira proposta para uma noção geográfica” (Cf. pp. 68-72), explanada em “solo - pastor” (Cf. pp. 68-72); “Noção geográfica – Proposta para quatro vozes e coro” (Cf. pp. 72-92), compreende conforme as suas intervenções: herói, coro, herói,

coro, herói, rei, coro, rei, coro, rei, herói, coro, herói, coro, mulher, herói, mulher, coro, mulher, coro, mulher (com a “canção da mulher”), coro (seis vezes seguidas), mulher, coro, mulher, coro, mulher, coro, rei, coro, sacerdote (com introdução do texto “canção do sacerdote”), coro (três intervenções seguidas). Inclui, ainda, “Remate – A decisão da idade” (Cf. pp. 92-101), que compreende apenas as vozes do herói e do coro. Nesta parte do texto, de forma alternada, o herói atua por cinco vezes e inclui “uma canção do herói”. O coro, com oito intervenções (Cf. pp. 94-101), atua três vezes seguidas.

O poema, exemplo de reflexos etnográficos, presentes na obra *Lavra*, provoca uma união indireta com algumas inquietações de cariz nacionalista. Evidencia-se, como evasão poética da sua difusão genuína, o facto de sustentar um diálogo com o arquétipo do género épico, num diálogo intertextual granjeando readquirir uma unidade idealizada como signo da nação. Recorre, analogamente, a memórias que a escrita perpétua, traçando ruturas e consecuições, as quais fazem parte da história real das nações comprometidas. Escrita na fazenda de Cahombo, Cacuso, Malange no dia 25 de outubro de 1974, o poeta recorre à memória para teatralizar na expedição continental pelo património cultural africano, facto que lhe permite experienciar e abordar na sua escrita etnográfica.

É um texto que resulta do seu trabalho de campo que desenvolveu como antropólogo. Dá-nos, por isso, uma visão de antropólogo-etnógrafo-poeta – que busca retomar e assentar uma carga poética substancial, desvanecida de outros textos. Por esse fundamento, concede ao seu trabalho sinais de lugar e de tempo, qualidades substanciais à substantividade da sua poesia, consequente da sua “experiência de contacto”.

“Noção Geográfica” figura-se como sendo uma recriação poética da ação humana africana, desempenhada por clichés fundamentais apontados na matriz cultural da África bantu. O poema retoma um passado heroico ancestral, que pela escrita é atualizado no presente. Deste modo, a radicação poética do autor metaforizada na ideia da “transumância”, da observação/convívio consequente da mundividência observada e retratada está na base da abordagem etnográfica da obra *Lavra* (2005).

Porquanto, no primeiro poemário que a integra, *Chão de Oferta* (1972) apresenta-se como um “louvor da terra” (Leite, 1998:134). Partilhando da opinião da supracitada Ana Mafalda Leite, diríamos que se dá uma fusão entre o ser, terra e escrita “onde harmonicamente a escrita circunscreve, grava o sujeito ofertado ao chão. Ato de envolvência totalizante, a lírica não questiona, mas abraça, enovela; o sujeito não se desdobra, mas entranha-se, nasce, na telúrica feminina; a geografia dá-se a conhecer como presença – *Novembrina Solene*” (Leite, 1998:134). É da observação da transumância dos pastores, portanto os Kuvale ou mesmo os

Mucubais, que nos consegue dar a entender os seguintes momentos etnográficos do texto “Novembrina Solene – Transmutação das Águas:

Fazem-se os rios / despontam os capins / passam rebanhos / e cruzam-se recados de água achada. / Atingem-nos murmúrios de manadas / sofreguidão liberta a derramar-se em dambas. / Despertam-nos vagidos de recentes crias / paridas como água pelos caminhos / e o seu olhar serve de espelho ao verde / de que se fez o leite a derramar-se / Farto / na áspera ternura dos seus beijos // [...] / (Carvalho, 2005:48-49).

Ruy Duarte de Carvalho transforma a sua produção poética em testemunho relevante para os estudiosos da cultura angolense. Esse comportamento memorial, discursivo e etnográfico é uma forma de readequar lugares, plasmar sentidos e discursos de tempos passados. É nessa ótica que a coletânea *Lavra* (2005) personifica a asseveração nacional angolana e africana, por intermédio de uma pluralidade de temáticas abordadas e de um patenteamento de especificidades locais, mais concretamente do sul do país, região ocupada pelos pastores mucubais, um povo que o autor se dedicou a observar, analisar e a abordar na sua escrita.

Assim, no referido poema “Noção Geográfica – *poema para cinco vozes e coros*”, menciona alguns pastores que se encontram no norte, em resultado, provavelmente, de alguma transumância ao referir que sabe de algum “pastor detido ao norte / envolto na poeira do seu rasto quando da luz lhe vem / um vivo aroma soprado pela voz de um animal que / contra a viração subtil fim da tarde depõe a queixa / aflita de estar vivo / (Carvalho, 2005:67).

Também nos dá uma notação dos pescadores cuja atividade profissional e sua sobrevivência procede da benignidade da água: “De um pescador eu / sei a graça que acrescenta ao seu impulso por entender-se / exposto à mansidão das águas e descobrir na perfeição / do gesto a tessitura leve que o rodeia” (Carvalho, 2005:67).

O autor, em apreço, oferece-nos uma produção poética que pode ser considerada uma poética do espaço. Isto porque, por um lado, a região semidesértica do sul de Angola serve-lhe de observação e de base temática e, por outro lado, o espaço gráfico também lhe serve de base telúrica e de orientação criativa. No ato “solo - pastor” decifra a sua consciência geográfica, que se situa em quatro direções inerentes ao sol.

O poeta passa a ser um representante das comunidades angolanas esquecidas e abandonadas, caso dos Kuvale/Mucubais. Evidencia a ideia de um herói que no início da sua aventura encontrou várias dificuldades, derrotou alguns aspetos nebulosos e suportou algumas controvérsias, dando a entender que aquando da presença portuguesa no país, os confrontos foram intensos e violentos. A partir

desse momento a geografia africana e a população passam a estar no suporte do que os circundavam. Pressagia a transposição das fronteiras do continente, facto que está intrinsecamente associado ao mar.

Desta feita, sendo um conhecedor consciente dos territórios e das direcções, testemunha a noção geográfica e “identifica as quatro direcções / do sol às muitas mais que o homem tem”. Também admite que: “Habito um continente e a comunhão prevista / além dos horizontes por transpor. / Renovo-me em saber, olhando o sol / acesa a cor para além destas fronteiras. (Carvalho, 2005:68).

A dimensão dessa noção geográfica assumida pelo autor assume uma conotação simbólica, em que o herói principia um itinerário em direcção ao mundo de forças desconhecidas. A figura do pastor através da configuração de vestígios etnográficos testemunha o seu conhecimento da terra, de traços culturais de Angola e a sua “noção geográfica”, facto que advém mormente da sua dita transumância. Essa viagem é consumada pelo continente e essa “noção geográfica” é norteada pelo saber no sentido de uma visão interna subjetiva e, simultaneamente, de um sentido externo de auscultação da natureza. O continente africano apresentado de norte a sul remete-nos para a geografia que organiza o plano do espaço e faz uma análise da história.

Para este estudo merece, igualmente, destaque o poemário *Hábito da Terra*, livro que integra a dita coletânea *Lavra* (2005), em estudo. Centramos a nossa atenção sobretudo na segunda parte do livro, “Provérbios e Citações”, onde se encontram os textos derivados de enunciados africanos. Veja-se a seguinte transcrição:

Omili yange iwa ili m'ongubu / Omupira wange muwa r'oilongo. // A minha bengala metida em espinheiras, dentro do cercado / Está longe de casa o meu melhor escravo. /KWANYAMA // Está escravo da casa o meu melhor longe, sou escravo da casa dentro do cercado, cerquei-me de casas. Longe de espinheiras eu sou a bengala cercada de escravos. Sou escravo do longe que cerquei de casas dentro de espinheiras. Estou dentro (Carvalho, 2005: 240).

O material angolano em foco compreende três textos de origem Kwanyama, subgrupo do povo ovambo que fala a língua cuanhama, língua nígero-congolesa falada por cerca de 420 mil pessoas em Angola e 715 mil pessoas na Namíbia, e dois pertencentes aos Nyaneka, povos que habitam a mencionada região semidesértica do Sul de Angola.

Procurando valorizar o primeiro texto dos Nyaneka, segundo o ordenamento original de *Hábito da Terra*, diríamos que nos permite apreender alguns aspetos do seu processo criativo, fazendo o autor aludir, no texto “Arte Poética – Aprendizagem do dizer festivo”, que: “Em busca das coordenadas recorro diligente à pauta de

um compasso para saber no texto em que me inscrevo o que se sabe havia já, as leis que alguma angústia desvendasse, o legado da argúcia, a vocação da pauta” (Carvalho, 2005:229). O mesmo autor admite, ainda, que “Um texto é como um esforço de existir. A intenção de lado, uma moral herdada. Do outro lado o curso das palavras, a esteira do seu eco, os sons e os gestos seguidos uns dos outros, um som que pede um som e essa resposta é já um bolbo de emoção autónoma, para florir madura, à revelia da intenção primeira” (Carvalho, 2005:229).

O texto que apresenta a expressão local – “Olawelu Iwangwanlawangala p’ongalu” – sugere a fase inicial da escrita, decorrente do contacto entre angolanos e portugueses, revelando-se a primeira intervenção sofrida pelo povo *Nyaneka*, que passa da tradição oral à documentação escrita. Como que encerrando essa sequência, a palavra *Nyaneka* é usada para nomear um agrupado de etnias agropastoris do sudoeste do país. Um outro texto de cariz etnográfico apresentado é:

Ndapewa oilonga idiu r’ombala / Orubondya omufya wediva / Orurumba esosolo n’omaoro / Orubumbata omeva m’osimbale / Oruyuva ongobe n’onyala / Orura omuti n’enyala / Orunyanera oufila r’ombada yomeva.
/ KWANYAMA. // Os duros trabalhos que lhe foram dados para fazer na ombala: / vedar com uma linha um rombo num tanque/ varrer os macutas sem usar vassoura / com a ajuda de um cesto transportar a água / abater um boi servido de agulha / esfolar esse boi apenas com as mãos / derrubar um pau só com as próprias unhas / secar a farinha espalhando-a na água (Carvalho 2005, 240-241).

Em suma, aflora na escrita de Ruy Duarte de Carvalho um exímio espaço que restringe o número que os antecede. Uma construção que pende a ampliar o protótipo habitual devido à profusão de termos que agregam as linhas do seu enredo, em antagonismo com o vocabulário componente nomeadamente da tessitura *Nyaneka*. O seu texto incorpora uma sequência literária instruída, em que o autor adota uma poética do espaço, tendo como base a sua visão antropológica que faz do trabalho de campo para produzir uma escrita vocacionada para a representação etnográfica, visando oferecer os seus olhos aos leitores para visualizarem o que teve a oportunidade de captar com o decorrer das suas sucessivas idas ao sul de Angola.

REFERÊNCIAS

Araújo, Maria Manuela Jales Camposana. **Textos Afro-americanos e Textos Africanas: dis-cursos do eu repartido da diáspora discursiva**. Orientadora: Maria Teresa de Salter Cid. Tese (Doutoramento). Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa. 2008.

Bachelard, Gaston. **A Psicanálise do Fogo**. 2.^a ed.; Trad. Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes. 1999.

Cardoso, Claudiana Fabiana de Oliveira. 2011. A Jornada do Boi em Dois Poemas de Ruy Duarte de Carvalho. *Mulemba*, 1 (4), 81-91.

Carvalho, Ruy Duarte de. **A Câmara, a Escrita e a Coisa Dita... Fitas, Textos e Palestras**. Luanda: INALD. 2008.

Carvalho, Ruy Duarte de. **Lavra. Poesia Reunida 1970/2000**. Edições Cotovia. 2005.

Carvalho, Ruy Duarte de. **O Que não Ficou por Dizer... Uma Autobiografia, uma Entrevista, Três Ensaios e uma Palestra: Ruy Duarte de Carvalho**. Editado por Nuno Vidal. Luanda: Associação Cultural e Recreativa Chá de Caxinde. 2011.

Chaves, Rita. **Angola e Moçambique. Experiência Colonial e Territórios**. São Paulo: Ateliê Editorial. 2005.

Estermann, Carlos. **Etnografia do Sudoeste de Angola: grupo étnico nhaneca-humbe**. Lisboa. Junta de Investigações do Ultramar. 1961.

GALE, Ana Maria Martinho. **The Protean Web. Literature and Ethnography in Lusophone Africa**. Lisboa: Colibri. 2011.

Leite, Ana Mafalda. **Oralidades & Escritas na Literaturas Africanas**. Lisboa: Colibri. 1998.

Miceli, Sónia. **De Cartas e Mapas. Livro, Viagem e Paisagem em Bernardo Carvalho e Ruy Duarte de Carvalho**. Orientadores: Clara Maria Abreu Rowland e Gustavo Maximiliano Florêncio Rubim. Tese (Doutoramento). Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa. 2016.

Miceli, Sónia. **Contar para Vivê-lo, Viver para Cumpri-lo. Autocolocação e Construção do Livro na Trilogia Ficcional de Ruy Duarte de Carvalho**. Orientadora: Clara Maria Abreu Rowland. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa. 2011.